

PIONEIROS



Amador Teodoro de Souza

Difficultades superadas e um futuro promissor

Arquivo pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida como funcionário do Banco do Brasil na cidade de Araxá, Minas Gerais, era tranqüila. Casado com Maria Dulce Lobo e Souza e pai de cinco crianças, Amador Teodoro de Souza, 79 anos, poderia escolher seguir o caminho de um futuro previsível e financeiramente estável. Mas preferiu unir-se aos que se aventuravam em busca das grandes realizações que a construção da nova capital do Brasil propunha.

Munido deste ideal, Souza conheceu a terra onde seria instalado o Distrito Federal em 1957. Sozinho, o mineiro foi um dos poucos a conhecer a região onde hoje está o Plano Piloto completamente dominada pela vegetação do Cerrado. "Havia apenas três prédios em construção e eu nem me lembro quais", conta. Seria compreensível diante daquele cenário inóspito desistir da mudança, mas Souza preferiu seguir a intuição. "Senti que meu futuro estava aqui", afirma.

De volta a Minas Gerais, tentar uma transferência junto ao banco seria uma solução, mas a única agência mantida pela instituição na Cidade Livre já estava com as poucas vagas preenchi-

das. "Além disso, meu marido não nasceu para ficar sentado atrás de uma mesa o dia todo", justifica Dulce. A opção de Souza foi afastar-se do ofício e embrenhar-se em algo totalmente novo. "Comprei um caminhão e com ele eu traria produtos como côco da Bahia e cachaça para vender em Brasília", recorda-se.

Frente a um cotidiano tão incerto, a família precisaria aguardar um pouco mais antes de acompanhá-lo na viagem. A esposa e os filhos mudaram-se então para Ipameri (MG), onde pas-

sariam algum tempo na companhia do pai de Dulce.

A segunda chegada à Cidade Livre aconteceu em junho de 1958. Souza instalou-se em um dos hotéis de madeira da cidade e deu início às viagens com o caminhão. O negócio tornou-se mais cansativo do que satisfatório fazendo com que o mineiro ficasse novamente atento a outras oportunidades. A segunda opção surgiu rápido, em Ipameri. "Havia uma empresa de artefatos de cimento à venda na cidade e eu achei que es-

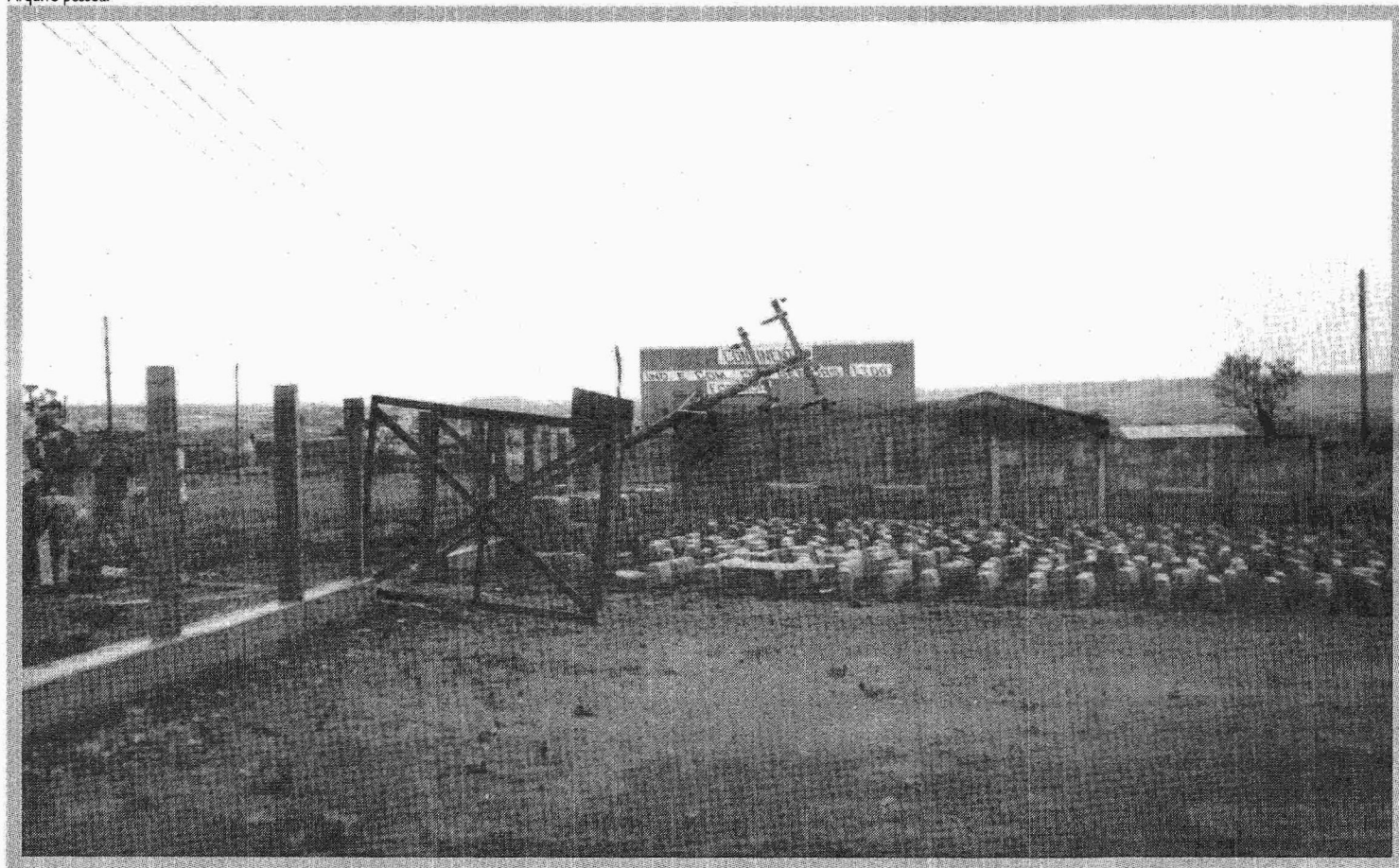
te tipo de produto teria boa saída aqui", conta.

Seis meses depois de instalado temporariamente na Cidade Livre, Souza comprou a empresa e abriu a primeira indústria formalizada de Taguatinga — a Copiso Indústria e Comércio Ltda. Na oportunidade, início de 1959, não era difícil conseguir um lote na região junto à Novacap. "Fui até o escritório da companhia e disse que queria um terreno para montar uma indústria", conta.

A Copiso foi instalada no Setor Industrial de Taguatinga, onde

EM TAGUATINGA, A FÁBRICA DE PISOS E AZULEJOS QUE O PIONEIRO MONTOU

hoje está o Hospital Anchieta. Taguatinga estava se formando, com duas ruas sendo abertas e um posto com funcionários ligados à prefeitura de Brasília. A indústria seria especializada na fabricação e venda de ladrilhos hidráulicos, postes de cimento para cercas, cobogós, tanques de concreto, blocos para construção de meio-fios etc. Clientes



PIONEIROS

O desejo de participar da construção de Brasília era tão grande que, para vir para cá o pioneiro abandonou a carreira no Banco do Brasil em Minas Gerais

não faltariam, uma vez que can- teiros de obras espalhavam-se por todo o Distrito Federal.

Marteladas à noite

Com o terreno da indústria, Souza pôde construir uma pequena casa de madeira para abrigar a família. Dulce e os filhos passaram então a acompanhá-lo na aventura no Planalto Central.

Diferente dos candangos que viviam na Cidade Livre ou nos acampamentos que já existiam no Plano Piloto, viver em Taguatinga era tarefa mais árdua para quem estava acostumado ao convívio social e à infra-estrutura de uma cidade. A nova moradia da família não tinha água encanada nem energia elétrica. "Tirávamos água de uma cisterna para fazer nossa comida e dos trabalhadores da indústria, pois não havia outro lugar onde eles pudessem se alimentar", conta Dulce.

Depois de um tempo, Dulce conta que a Caesb lhes deu acesso à chave de um registro para que pudessem retirar água quando precisassem. "Juntavam várias mulheres ao meu redor para retirar água também e eu deixava", recorda-se.

O comércio mais próximo ficava distante, na Cidade Livre. Em Taguatinga não existia nem farmácia. Souza tentava comprar o necessário que desse para o máximo de dias possível para não ter que percorrer o caminho entre a Cidade Livre e Taguatinga com muita frequência. "Os buracos eram do tamanho do jipe que nós tínhamos", diverte-se.

A indústria ia se consolidando aos poucos, mas com muita dificuldade. Souza acordava todos os dias às 5 horas e trabalhava até o escurecer. Não havia folga nos finais de semana e o maior obstá-



A FAMÍLIA JÁ NUMEROSA DE AMADOR CRESCERAM EM BRASÍLIA

“**COMPRI UM CAMINHÃO E COM ELE EU TRARIA PRODUTOS COMO CÔCO DA BAHIA E CACHAÇA PARA VENDER EM BRASÍLIA**”

culo ao funcionamento da fábrica era a contratação de mão-de-obra especializada.

Cerca de três anos após a abertura da Copiso, Souza e a família compraram um terreno no centro de Taguatinga. A cidade já havia crescido bastante e o número

de habitantes aumentava todos os dias. "Passávamos a noite ouvindo marteladas", conta Dulce. "Quando acordávamos, já havia barracos novos na vizinhança", completa. As invasões nos lotes demarcados eram comuns. Antes de construir a casa nova, por exemplo, Souza teve que procurar ajuda para retirar uma pessoa de seu terreno. "Coloquei parte do material para a construção no lote à noite e quando fui até o local na manhã seguinte, já havia um barraco pronto e uma pessoa morando nele", revela o mineiro.

No supermercado da SAB, recém aberto na cidade, a venda dos produtos era controlada porque não era suficiente para abastecer a todos com fartura. Cada pessoa só podia comprar um item de cada mercadoria.

Percorrendo o Plano Piloto para atender a demanda dos clientes, Souza teve a oportunidade de ver JK algumas vezes. Segundo ele, era costume do presidente subir as escadas que ficavam no exterior dos blocos em construção para ve-

rificar o andamento das obras.

A saída de JK da Presidência da República causou uma crise na economia da Brasília que acabara de ser inaugurada. Os boatos de retorno da capital para o Rio de Janeiro persistiam e ganhavam força em 1961, na figura do novo presidente, Jânio Quadros. Muitas empresas tiveram que fechar as portas. Segundo Dulce, muitas mulheres de candangos abandonaram seus maridos por não suportarem as dificuldades dos primeiros anos do Distrito Federal.

Depois de oito anos aberta, o faturamento da Copiso passou a valer a pena. Souza e Dulce suportaram os momentos difíceis, pois sempre acreditaram que Brasília se tornaria a cidade com as dimensões que tem hoje. Em 1962, Souza ajudou a fundar a Associação Comercial e Industrial de Taguatinga e em 1971, junto com a esposa, abriu o Centro Espírita Lar da Santíssima Trindade, em Taguatinga Norte, onde fazem trabalhos de orientação religiosa e cunho social.

Raio X

Nome:

Amador Teodoro de Souza

Origem:

Comarca de Monte Carmelo, município de Dourado Claro, Minas Gerais

Idade:

79 anos

Ano de chegada a Brasília:

1958

Profissão:

Empresário

Filhos:

Hércules, Monalisa, Adriano, Marlinda, Ravena Maria, Alexandre e Ricardo

Netos:

Leonardo, Guilherme, Renan, Daniel, Ivone, Moisés, Mariana, Bruno, Henrique, Larissa, Thiago, Rodolpho, Gustavo, Daniele, Michele, Paulo Henrique, Paulo e Luciano.

GDF

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glaucio Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados